


Cartas para Guimarães Rosa: palavras e imagens e sertões^{1 2}

Letters to Guimarães Rosa: words and images and sertões

Cartas a Guimarães Rosa: palabras y imágenes y sertões

Giovana Scareli - Universidade Federal de São João Del-Rei – UFSJ | Departamento de Ciências da Educação | São João del Rei | MG | Brasil E-mail: gscareli@yahoo.com.br | 

Resumo: Caro Guimarães Rosa, segue apenas esse bilhete daquilo que ainda irá chegar até você. Estou a escrever cartas e preparando algumas imagens para te mostrar alguns dos resultados de uma pesquisa, que teve como objetivo compreender quais imagens têm sido produzidas a partir do tema “sertão” e quais podemos produzir, especialmente relacionadas à sua obra. Quero te mostrar como temos lido suas obras e nos inspirado nos seus sertões para criarmos nossas paisagens e sertões. Para isso, fizemos uso da cartografia como metodologia, sendo a paisagem e a educação visual os principais conceitos com os quais operamos. Você sabe que na academia e nas Pesquisas em Educação, o texto e a palavra têm sido os grandes protagonistas. Nas suas obras, as palavras são precisas e preciosas e provocam a nossa imaginação. As imagens nem sempre têm o mesmo *status* que o texto e o corpo nem se fale. Pois, nestas cartas, o corpo está diretamente envolvido, presente, caminhante e se deixa embebedar pelas palavras e a produzir imagens. Aguarde!

Palavras-chave: Sertão. Cartografia. Educação visual.

Abstract: Dear Guimarães Rosa, just follow this note of what will still reach you. I am writing letters and preparing some images to show you some of the results of a research, which aimed to understand which images have been produced based on the theme “sertão” and which ones we can produce, especially related to his work. I want to show you how we have read your works and inspired us in your backlands to create our landscapes and “sertões”. For this, we used cartography as a methodology, with landscape and visual education being the main concepts with which we operate. You know that in academia and in Education Research, text and words have been the main protagonists. In his works, words are precise and precious and provoke our imagination. The images do not always have the same status as the text and the body or speak. For, in these letters, the body is directly involved, present, walking and allows itself to be drunk by words and to produce images. Wait!

Keywords: Sertão. Cartography. Visual education.

¹ O artigo faz parte da pesquisa de pós-doutorado desenvolvida com bolsa de pós-doutorado sênior - CNPq, processo nº 113914/2018-0.

² Uma versão simplificada, com apenas 2 páginas, foi enviada para o projeto “Cartas para Guimarães Rosa”, em setembro de 2019.

Resumen: Querido Guimarães Rosa, solo sigue esa nota de lo que aún te llegará. Estoy escribiendo cartas y preparando algunas imágenes para mostrarles algunos de los resultados de una investigación, cuyo objetivo fue comprender qué imágenes se han producido a partir del tema "sertões" y cuáles podemos producir, especialmente en relación con su trabajo. Quiero mostrarle cómo hemos leído sus obras y nos ha inspirado en sus sertões para crear nuestros paisajes y sertões. Para esto, utilizamos la cartografía como metodología, siendo la paisaje y la educación visual los conceptos principales con los que operamos. Sabes que en la academia y en la investigación en educación, el texto y las palabras han sido los principales protagonistas. En sus obras, las palabras son precisas y preciosas y provocan nuestra imaginación. Las imágenes no siempre tienen el mismo estado que el texto y el cuerpo o el habla. Pues bien, en estas letras, el cuerpo está directamente involucrado, presente, caminando y se deja emborrachar con palabras y producir imágenes. ¡Espere!

Palabras clave: Sertão. Cartografía. Educacion visual.

Primeira carta: para começar a prosa...

Querido Guimarães Rosa, como vai?

Estou escrevendo uma carta para te enviar, mas a cada hora me lembro de uma coisa que preciso te contar antes, para que você consiga acompanhar minhas caminhadas, minha travessia.

Quais imagens lhe vêm à cabeça quando falamos em sertão? Quais imagens você acha que são lembradas ao se pronunciar a palavra sertão? Que imagens comporiam nosso repertório de “imagens-sertão”?

Essas perguntas movem um tanto de pensamentos, não é? Há algum tempo, me movem a pensar sobre tantas imagens, sentimentos, que envolvem o sertão.

Entre os anos de 2009 e 2013, pesquisamos em filmes brasileiros como os homens e as mulheres da região Nordeste do país apareciam nas produções cinematográficas e como o sertão nordestino, enquanto paisagem/lugar, era mostrado nessas produções³. Nos últimos anos, de 2017 até o momento, começamos a explorar como o sertão mineiro nos é apresentado por essas produções culturais feitas de imagens e sons.

A temática nordestina aparece com força na década de 1960, na primeira fase do Cinema Novo. Seus temas variam entre cangaceiros, coronéis e a seca do sertão contrastando com suas praias paradisíacas. As produções que melhor exemplificam essa fase são os filmes *Vidas Secas* (1963) de Nelson Pereira dos Santos, *Os Fuzis* (1963) de Ruy Guerra e *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964) de Glauber Rocha. O cinema no Nordeste assume importância, pois possibilita o rompimento do cinema nacional com o cinema industrial-americano que prevalecia, até então, no país (SCARELI; CARVALHO; AZEVEDO, 2011, p. 1).

A produção de filmes no Nordeste ou sobre o Nordeste brasileiro foi intensa durante o século XX. Muitos filmes foram produzidos e suas imagens povoaram os imaginários das pessoas, principalmente daquelas que viviam em outras regiões brasileiras. A televisão ajudou muito na divulgação das imagens dessa região, com várias produções, no formato de minisséries, em programas de reportagens como Globo Repórter, e matérias exibidas nos principais jornais televisivos. Desse modo, o Nordeste foi sendo construído e ganhando espaço na memória das pessoas. Além das produções visuais, a literatura também teve um papel importante na

³ Projeto de Pesquisa de Iniciação Científica, “Imagem e Representação Social: a construção e a interpretação da figura do nordestino no cinema brasileiro”, desenvolvido por Iza Carvalho e Renata Azevedo, orientado por Giovana Scareli, na Universidade Tiradentes – Unit, Aracaju/SE.

construção desse imaginário, no entanto, de outra forma, sem a apresentação de imagens e sons, como é o caso do audiovisual.

Embora o sertão nordestino seja muito estimado por mim, devido a uma mudança para Minas Gerais, tive o desejo de me aproximar do sertão mineiro, começando pelos filmes produzidos nesse estado, muitos deles, frutos de adaptações/traduições de suas obras literárias, Guimarães. Foi assim que começamos a cartografar o sertão mineiro que aparecia nos filmes, adaptados/traduzidos das suas obras⁴.

Dessa primeira cartografia surgiu o projeto de pós-doutorado, “Cartografando sertões: educação e imagens e literatura e...”⁵, realizado junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no período de agosto de 2018 e julho de 2019. Este projeto foi construído com a pretensão de explorar o “sertão” e como este é expresso em diferentes produtos culturais e, além disso, o que podemos criar, inventar, afetados pelos sertões descritos na literatura e produzidos em imagens pelo cinema e fotografia.

Seria possível imaginar outros sertões? Desterritorializar o sertão, retirá-lo do lugar geográfico, para que pudesse se tornar um sentimento? Se o sertão “é dentro da gente”, como você diz (ROSA, 2019, p. 224), que sertões podem se proliferar de dentro mesmo da gente? Então, o objetivo geral da pesquisa foi compreender quais imagens têm sido produzidas a partir do tema “sertão” e quais podemos produzir, especialmente relacionadas à sua obra, com o conceito de educação visual, estudado por Milton José de Almeida (1994).

A metodologia que utilizamos no desenvolvimento do projeto continuou sendo a cartografia, que nos inspira e que foi arquitetada a partir do trabalho de Deleuze e Guattari (2011) em seus estudos sobre rizoma e (re)elaborada por Passos, Kastrup, Escóssia (2012), que se debruçaram durante anos na proposição de pistas de um método da cartografia, tomando como base os estudos de Deleuze, Guattari, Foucault, entre outros. Os autores afirmam que “o sentido

⁴ Estudamos o sertão mineiro em dois nos projetos de Iniciação Científica “Ser-tão Minas: uma cartografia cinematográfica do sertão mineiro”, desenvolvido por Diogo J. B. dos Santos e “Cinema e Educação Visual: um estudo sobre filmes que apresentam o sertão mineiro”, desenvolvido por Valéria Cristina Paiva, ambos orientados pela professora Giovana Scareli e que faziam parte do seu Projeto guarda-chuva “Cartografando sertões: educação e literatura e cinema e artes e...”.

⁵ O projeto de pós-doutorado foi aprovado com bolsa de pesquisa sênior do CNPq, nº 113914/2018, durante os meses de fevereiro a julho de 2019.

da cartografia: [é o] acompanhamento de percursos, implicações em processos de produção, conexão de redes ou rizomas” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2012, p. 10).

Durante o percurso, Guimarães, criamos alguns dispositivos necessários para a produção de dados que foram analisados nesta pesquisa. O conjunto de dados foi composto por filmes, textos literários e fotografias, que foram produzidas em quatro oficinas intituladas “Ser-tão (m)eu, ser-tão mundo: ‘O sertão é sem lugar’”⁶. Esse título, como você pode ver, foi nitidamente influenciado pelos seus textos. Todas as oficinas seguiram este roteiro: começamos com a leitura e comentários de fragmentos dos contos “Campo Geral” e “A terceira margem do rio”. Depois, lemos várias frases retiradas do romance “Grande sertão: veredas”, que serviam como disparadoras para o segundo momento da oficina, na qual convidamos os participantes a produzirem uma fotografia nos arredores do edifício onde nos encontrávamos, afetados pelas leituras e conversas e tendo como norte as frases: “o sertão é sem lugar” e “sertão: é dentro da gente”. Os participantes fotografaram e enviaram as imagens para o meu telefone celular, via *WhatsApp*, e eu as projetei para vermos juntos e conversarmos sobre elas. Após esse momento, todos foram convidados a escrever uma carta, endereçada para quem ou o que quisessem, e poderiam assiná-las ou deixá-las anônimas⁷.

Acho que por hora é isso... se eu me lembrar de mais alguma coisa, escrevo depois!

Abraços carinhosos,

*A viajante*⁸

Segunda carta: outro dedinho de prosa

Querido Guimarães Rosa, como você está?

⁶ A primeira oficina foi realizada durante o COLE, Campinas/SP, 2018, com 30 participantes. Depois, foram feitas duas oficinas com o total de 18 alunos da Pós-Graduação em Educação da UFSC e do Grupo Tecendo e uma Oficina no Clube de Escrita, do IFSC, coordenado pela Profa. Dra. Elisa Tonon, com sete participantes do Ensino Médio, ambas em Florianópolis/SC. Todas as oficinas foram realizadas no segundo semestre de 2018.

⁷ Os participantes poderiam ficar com cópias, não fazer o trabalho ou ainda, fazer tudo e não entregar nada se assim preferissem. Também, combinamos que as fotografias não teriam um autor, elas pertenceriam a um coletivo, o coletivo daquela oficina.

⁸ A viajante é uma personagem que criei para responder as cartas recebidas pelos participantes das oficinas. Essa personagem sem nome próprio, anônima, viaja pelo mundo e recebe cartas de pessoas que desejam falar sobre “sertão”. Em qualquer canto do mundo, ela sempre está recebendo, respondendo e escrevendo cartas, falando dos sertões que nela habitam e que dialogam com os sertões de tanta gente.

Hoje li um livro do João Carrascoza (2016, s/p), chamado “Linha Única”, e me lembrei de você. Acho que iria gostar dos seus microcontos! Leia este que separei para você: “Escrita. Começou a escavar seus escuros. E, súbito, se iluminou”.

Estou escrevendo uma carta para você, como já te disse em outra pequena carta que enviei recentemente. Mas, sempre acho que preciso falar mais alguma coisa. Quero que me entenda e não sei ser tão concisa como o Carrascoza..., comecei a escavar uns escuros, daquilo que ainda pode se iluminar neste percurso. É um momento de pausa no movimento da viagem, um exercício de trazer à luz alguns temas para explorar o pensamento. Os efeitos dos encontros durante a pesquisa estão latentes, assim como acontece com uma aula. De acordo com Deleuze (1996, p. 84), “uma aula não tem o objetivo de ser entendida totalmente. Uma aula é uma espécie de matéria em movimento”. Penso que uma pesquisa, também, é uma matéria em movimento, é impossível ser alcançada em sua totalidade, por isso o objetivo não é este, mas produzir leituras, entendimentos e compreensões a partir da invenção de um problema, da criação de um território existencial, de um processo que podemos acompanhar.

Desta forma, toda pesquisa teria algo de ficcional, e Amanda Leite (2017) aborda este tema em seu artigo “Qual é o lugar da ficção na Educação?”. Esta dimensão da ficção foi explorada nesta pesquisa, ao inventar um problema, criar dispositivos para obtenção de dados, criar uma personagem que escreve cartas, criar e recriar imagens. Esse caráter inventivo dialoga com o ficcional, sem a intensão de encontrar a verdade, mas, sendo verdadeiro, ético em todos os procedimentos e análises. Leite (2017, p. 2) diz “quando penso nas interfaces entre ficção e educação, gosto de abusar da força (educativa) da fronteira. Refiro-me ao pensar *com a* ficção e perceber que as imagens podem induzir o movimento do corpo e da mente num exercício de *ver e pensar*”. Trazer para o mundo uma verdade possível a partir das invenções, das criações realizadas no território ocupado, que nos proporcionam um exercício de ver e pensar com a ficção.

Assim, criamos uma série de dispositivos, “máquinas de procedimentos”, que nos ajudaram a construir dados e a pensar com eles e com tantos outros materiais que fomos encontrando e selecionando ao longo do caminho. Foram muitos os procedimentos e também os intercessores, pensando-os com Jorge Vasconcelos (2005, p. 1223), quando se refere à Deleuze, e diz que “Os intercessores são quaisquer encontros que fazem com que o pensamento saia de sua

imobilidade natural, de seu estupor. Sem os intercessores não há criação. Sem eles não há pensamento”.

Desse modo, não estabelecemos uma hierarquia do que era mais importante para o menos importante. Nessa perspectiva de pesquisa, os textos teóricos e literários, filmes, músicas, fotografias, poesias, exposições de arte, conversas e museus são considerados intercessores, como afirma Deleuze (1988 *apud* VASCONCELOS, 2005, p. 1223):

O essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Podem ser pessoas – para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artistas – mas também coisas, plantas, até animais, como em Castañeda. Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores.

Com essa atitude, criamos os diferentes dispositivos e procedimentos, utilizados para a construção dos dados, as oficinas, a cartografia dos filmes, a leitura das obras literárias; depois, todos os dispositivos utilizados para fazer “variar” as imagens, dobrando e desdobrando o conjunto de 55 fotografias feitas pelos participantes das oficinas e as fotografias feitas por mim, em diferentes momentos e viagens, apresentando diversas expressões de sertões.

A escolha da cartografia como inspiração metodológica admite e acolhe as subjetividades e os encontros, não havendo distância entre mim e os sertões. Tomar distância para fazer uma análise é um modo artificial de existir durante a pesquisa. O afastamento necessário que aqui foi feito é como o da câmera, que ora se aproxima, ora se distancia do foco, abre o plano com uma grande angular e torna a fechá-lo em primeiro plano. Pensando com Passos, Kastrup e Escóssia (2012, p. 44), essas aberturas de plano ou fechamentos podem funcionar como uma “janela atencional”: “Cada janela cria um mundo e cada uma exclui momentaneamente as outras, embora outros mundos continuem copresentes. Cada visada através de uma janela dá lugar, em sua escala, aos diversos gestos atencionais, possibilitando também mudanças de nível”.

A imagem desta janela me fez lembrar daquela figura comum no artesanato mineiro, da moça debruçada na janela, olhando para o mundo, quem sabe sonhando outros mundos...

Assim, encerro essa carta, que teve a intensão de te deixar a par do processo da minha pesquisa. Logo, logo, te envio outra...

Um abraço, com saudade!

A viajante

Terceira carta: uma longa carta

Querido Guimarães Rosa, como vai você?

Ouvi uma música do Belchior e esses versos ficaram latejando no meu pensamento: “Quero te contar como eu vivi. E tudo que aconteceu comigo”⁹ (BELCHIOR, 1976). Penso que você já deve saber que você foi uma grande inspiração nessa minha travessia e por isso quero te contar como eu vivi, sobre o que aconteceu comigo neste pós-doutorado. Mas, antes, preciso dizer a você que ele começou faz algum tempo, não sei precisar, mas, segundo Andrei Tarkovski (2010, p. 66), “o tempo não pode desaparecer sem deixar vestígios, pois é uma categoria espiritual e subjetiva, e o tempo por nós vivido fixa-se em nossa alma como uma experiência situada no interior do tempo”. Então, são muitos vestígios que, aos poucos, vou reencontrando e que vão fazendo ainda mais sentido, do porquê escolhi esse tema para uma pesquisa de pós-doutorado.

Em 2018, iniciei a pesquisa intitulada “Cartografando sertões: educação e imagens e literatura e...”, cujo objetivo geral era compreender quais imagens têm sido produzidas a partir do tema “sertão”, e quais podemos produzir, tendo como premissa que “sertão: é dentro da gente” (ROSA, 2019, p. 224), como você afirma em “Grande Sertão: veredas”. A pergunta que ficou em mim, ao ler essa frase é, se sertão está dentro de nós, quais sertões se manifestam quando somos convidados a produzir uma imagem de sertão?

Diversos artistas, músicos, diretores de cinema e fotógrafos têm se inspirado em suas obras para produzir imagens e sons dos sertões ali presentes. Temos um universo de imagens produzidas no Brasil sobre sertão, principalmente na região do semiárido nordestino. Mas nas suas obras, embora nem sempre a localização seja exata, sabemos que elas se concentram, em sua maioria, em Minas Gerais, no que denominamos “sertão mineiro”. Penso que essa não exatidão, pode ser devido a um caráter universal do seu trabalho. Você se lembra do que Mia Couto (PRADO, 2010), em entrevista para a Carta Capital, falou do impacto da sua obra sobre ele? Trago aqui um trecho para te lembrar:

⁹ “Como Nossos Pais” é uma canção composta por Belchior, lançada no álbum *Alucinação*, de 1976.

Marcou-me especialmente (o conto) A Terceira Margem do Rio. Aquilo foi um abalo sísmico na minha alma, porque ali estava o que eu e outros estávamos procurando. Havia ali não só uma relação com a língua, mas também com outras coisas que estão para além dela, uma tentação de criar na linguagem um universo próprio, como se a linguagem se apropriasse da história, da geografia, criando outra realidade. E essa outra realidade também era importante para nós, que estávamos vivendo a lógica de um estado centralizador, que esmagava as lógicas rurais, esse mundo do sertão, que não é da ordem da geografia, mas da soma de várias culturas. A leitura de Guimarães Rosa foi para mim como um rasgão. Grande Sertão: Veredas é aquele livro ao qual se regressa constantemente, capaz de retratar um mundo inteiro.

Assim como para Mia Couto, conto “A Terceira Margem do Rio” também me abalou muito, aquele universo, aquela relação entre pai e filho, a espera, a ausência, a solidão. Fiquei curiosa para saber que imagens as pessoas “comuns” teriam de sertão, inspiradas pela leitura de fragmentos das suas obras. O que elas imaginavam quando a palavra “sertão” era proferida? O que elas poderiam imaginar quando a palavra sertão aparecia em um dos seus contos? Minhas imagens de sertão não eram ligadas a nenhum rio, eram mais próximas às imagens de seca, como tantas imagens secas que consumimos, quando o tema é sertão. Só depois de conhecer um pouco mais dos seus contos é que fui pensando um sertão mais “molhado”. No entanto, como eu conheceria as imagens que as pessoas poderiam ter de sertão?

Para isso, utilizamos como dispositivo, quatro oficinas em lugares e com públicos diferentes: uma em Campinas-SP, na ocasião do Congresso de Leitura do Brasil (COLE), cujos participantes eram provenientes de diversas regiões do País, e três delas em Florianópolis-SC, duas com alunos da Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e uma com alunos do Ensino Médio do Instituto Federal (IFSC). Todas elas, portanto, fora de Minas Gerais e distantes do Nordeste. Pensávamos que, talvez, essas pessoas expressassem imagens próximas do que chamamos de imagens estereotipadas de sertão por terem aparecido bastante na mídia televisiva e no cinema. Então, buscávamos os sertões das pessoas que não viviam nos “lugares geográficos e locais narrativos” (OLIVEIRA JUNIOR, 2012, p. 119) que mais apresentam imagens de sertão. Esse critério tinha o intuito de tentar perceber quais repertórios sobre sertão elas tinham e o que expressavam ao serem convidadas a fazerem uma fotografia e a escreverem uma carta com esse tema, dois outros dispositivos, que como diz Deleuze (1990, p. 1), fazendo referência à Foucault, podem ser entendidos como “máquinas de fazer ver e de fazer falar”.

Então, como já mencionei, o procedimento realizado na Oficina era ler fragmentos de dois contos: “Campo geral” e “A terceira margem do rio”, e algumas frases selecionadas do romance *Grande Sertão: veredas*. A partir da leitura e conversa sobre os fragmentos escolhidos, os participantes deveriam fazer uma fotografia com o uso do celular nas proximidades do local onde acontecia a oficina. Comentávamos as fotos juntos e os participantes eram convidados a escrever uma carta endereçada a quem eles quisessem. O resultado dessas oficinas é um conjunto de 55 fotografias e 55 cartas, que se desdobraram de várias formas.

Nesta carta, Guimarães, queria te apresentar como relacionei literatura, arte, paisagem e educação visual, tendo como tema o “sertão”. Como referência básica, fizemos a leitura dos seus contos e de outros autores que se aproximavam como intercessores para esta longa conversa sobre sertão. Que educação visual construímos a partir das imagens que a vida inteira consumimos de sertão? O que, num breve momento, a partir da solicitação de uma oficina, conseguimos captar, escrever, deixar sair de nós, de dentro da gente na relação com a paisagem, com o lugar onde estamos?

Enviarei junto com esta carta alguns “cartões-foto-postais”¹⁰, que é um dos desdobramentos que realizamos a partir do conjunto das fotografias produzidas nas oficinas e por mim. O texto dos postais é resultado das minhas andanças por tantos lugares pelos quais passei durante o pós-doutorado. Escolhi levar os cartões-foto-postais comigo para Lisboa, Portugal. Um flerte, talvez, com o “caminhar como uma forma de arte, como uma prática estética”, que nos ensina Francesco Careri (2013, p. 7), com a pesquisa performática e com a arte postal. Assim, levei as imagens dos sertões brasileiros, produzidas por mim e pelos participantes das oficinas como uma forma simbólica de levar o sertão para o velho mundo, para aqueles que atribuíram esse nome para as terras distantes de Portugal, como podemos ver na Carta de Pero Vaz de Caminha para o Rei D. Manuel, sob a guarda do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa (ARQUIVO..., 2005). Depois o termo passou a designar as terras brasileiras longe do

¹⁰ Do conjunto de fotografias produzidas nas oficinas e das fotografias que eu também produzi, escolhi dez (10) para que se tornassem “cartões-foto-postais” dessa pesquisa. Estes cartões-foto-postais viajaram comigo para Portugal, como uma forma simbólica de levar os sertões para a terra que nos deu este nome. De lá, retornariam mais uma vez para o Brasil, com textos breves das minhas impressões, experiências, coisas que tive vontade de compartilhar com meu maior interlocutor, Guimarães Rosa. Na viagem de volta, via Correios para o Brasil, chegariam aqui com as marcas desta longa viagem.

litoral e, mais tarde, ainda, começou a designar lugar distante, geralmente seco, que apresenta uma série de dificuldades climáticas, geográficas e econômicas para os seus moradores.

Desse modo, levei o sertão em mim e nas imagens atravessadas pelos seus escritos, pelas produções cinematográficas feitas a partir da sua obra, pelas obras artísticas criadas sob o efeito da sua literatura e pelas fotografias feitas durante as oficinas promovidas ao longo de 2018. Mas, é claro, também carrego minha história, meus fantasmas, minhas dores e alegrias, meu modo de olhar para o mundo e de me encontrar com os sertões que me habitam. Os sertões estão lá e cá. Estão em Minas Gerais e em tantos outros locais no Brasil, além de outros países. Todavia, podem não estar em lugar algum ou em todos os lugares, pois, posto que não é lugar, posto que está em toda parte, é, em verdade, dentro da gente. Ou seja, é impossível não concordar contigo.

Mas o que quero te mostrar nesta carta é o que pude pensar com a pesquisa, depois desse tempo de um ano. Queria te contar sobre o que pude refletir nesta pausa no movimento, neste momento de escrita, nessas considerações “pausais” da pesquisa. São três ideias que quero destacar desta caminhada: o lugar e o deslocamento; o tempo e o silêncio.

Lugar e Deslocamento

Quando penso em **lugar e deslocamento**, vem-me a frase “**o sertão está em toda parte**” (ROSA, 2019, p. 13), e, com essa frase, os textos de Oliveira Junior (2012), que sempre me provocam a pensar mais com os seus escritos, assim como você me faz pensar com a literatura. Segundo Oliveira Junior (2012, p. 120): “lugar é ao mesmo tempo conceito e palavra”. O conceito lugar pode ser tema de várias comunidades científicas, de várias áreas do conhecimento, sendo a Geografia, talvez, uma das que mais se dedicam a esse tema. Como palavra, está presente no cotidiano das pessoas, nos mais variados usos e que, muitas vezes, a explicação do conceito não consegue abarcar, tendo que se reinventar.

É nessa perspectiva que lugar é anterior e posterior à geografia, como palavra que precede e dá prosseguimento ao conceito. Ainda que a geografia seja pensada como a mais ampla possível, ela sempre será apenas uma parte da cultura que toma o ‘lugar’ como um de seus modos de dizer o mundo, que toma a palavra ‘lugar’ como sendo, ela mesma, parte da cultura movente, cultura esta que será sempre outra, toda vez que ‘lugar’ ganhar outros contornos, outros usos, outras poéticas potencialmente produtoras de outras geografias (OLIVEIRA JUNIOR, 2012, p. 120).

Nas minhas andanças, neste movimento de levar o sertão comigo aos diferentes lugares por onde passei, o lugar sertão foi ganhando outros e novos contornos. O sertão foi recriado em imagens fotográficas, em cartas e no sertão que estava em mim, no meu repertório de imagens e entendimentos sobre sertão. Carregar essas imagens e cartas para todos os cantos, Brasil, Argentina, Uruguai, Portugal, Espanha, Itália... lugares que visitei durante o período de um ano, sendo que em alguns desses lugares, permaneci por mais tempo, foi uma maneira de experimentar, no movimento, no deslocamento, na desterritorialização/reterritorialização (DELEUZE; GUATTARI, 2011), “outras poéticas potencialmente produtoras de outras geografias” (OLIVEIRA JUNIOR, 2012, p. 120).

Que paisagens traziam essas fotografias? Quais geografias produziram?

A imagem não está voltada para manifestações territoriais singulares, mas para o acontecimento que solicita sua presença. E assim como o lugar (*topos*) é, segundo a definição aristotélica, o invólucro dos corpos que limita, a pretensa “paisagem” (lugarzinho: *topion*) nada é sem os corpos em ação que a ocupam (CAUQUELIN, 2007, p. 49).

As fotografias que carreguei comigo são paisagens de sertões que meu corpo ocupou. Na relação com os lugares, na captura das paisagens enquadradas pela câmera fotográfica, na convivência com essas imagens em busca de outras paisagens, experimentei diferentes sertões, afectos e sensações. O que significou carregar essas imagens comigo? Talvez, tenha sido necessário tê-las comigo para não me esquecer de que os sertões estavam em mim, marcados no meu corpo e na minha memória. Em alguns momentos, me esquecia disso e me angustiava na busca de sertões que julgava não encontrar. Não sentia, parecia um desencontro e dizia: “*Viajei tanto e não consigo encontrá-lo!*” No entanto, na solidão de um deslocamento, no olhar que rastreia as paisagens, de repente, o sertão me invadia, uma sensação, um sentimento provocado por um encontro sutil, uma luz, uma temperatura, um vazio, uma música. E, então, eu me lembrava de que carregava os sertões comigo, de que eles estavam de mim, ser-tão (m)eu e de tantas outras pessoas que participaram comigo desta travessia, que me movimentaram em busca dessa espécie de conhecimento, de uma educação visual, estética, corporal, que é ir em busca de algo que está dentro de nós e também no mundo, porque, “o sertão está em toda parte” (ROSA, 2019, p. 13).

Cauquelin (2007, p. 14) diz que devemos

[...] insistir nessa espécie de educação permanente dos modos de ver e de sentir, ou seja, de prever e de ligar os elementos de um “dado” (que nunca permanece no estado dado, mas já está sempre processado) que tende para a constituição desse tecido uniforme, de grande solidez e certeza, que é chamado “realidade” ou “natureza”.

Preferimos tratar os sertões aqui, não como “realidade” ou “natureza”, mas como lugares, paisagens ou até mesmo como sentimentos, sensações. É preciso dar atenção aos modos de ver e sentir, trata-se de uma educação sutil, que se conecta com a educação visual.

No livro “Casca”, Georges Didi-Huberman (2017, p. 69) diz “O que a casca me diz a respeito da árvore. O que a árvore me diz a respeito do bosque. O que o bosque, o bosque de bétulas, me diz a respeito de Birkenau”. Nesse livro, o autor visita Auschwitz-Birkenau, com uma câmera. O livro, que pode ser lido como uma carta, que mistura ensaio, narrativa fotográfica, relato de uma experiência, memórias, nos ajuda a “interrogar os modos de construção da memória, as possibilidades de transmissão de conhecimento sensível e, acima de tudo, destinada a interrogar nosso próprio olhar” (FELDMAN, 2017, orelha do livro). Neste mesmo sentido, pergunto: como os sertões difundidos pelas produções (áudio)visuais tem participado do conhecimento que estamos construindo sobre sertões? É importante interrogar nosso olhar, para poder sentir os sertões, assim como Didi-Huberman (2017), que ao vagar pelos campos de concentração, retira algumas cascas de uma árvore de bétula para sentir com ela, pensar com ela, interrogar seu olhar.

Para pensar, sentir, interrogar os sertões brasileiros em fotografias, filmes, literatura, memórias, carreguei-os comigo para o velho mundo. Levei os sertões dos participantes das oficinas para Portugal como uma metáfora para pensar “o retorno das caravelas”, como ouvi a atriz/escritora/cantora Elisa Lucinda dizer durante uma apresentação na Casa Ninja, em Lisboa. Levei, também, os meus sertões. E, dessa mistura, das imagens, das leituras, das memórias, experiências e vivências, estão reunidas, nesta carta, algumas palavras-pensamentos do que, talvez, ainda seja impronunciável, do que seja um sentir que nem sempre se consegue exprimir, de uma melancolia que se fez presente em mim, contagiada por Lisboa, pelo Tejo, por quem veio antes e me toca, não sei de onde e nem por onde, porque ainda é inacessível transformar em linguagem.

A alegria colorida da Espanha, a melancolia azulejada portuguesa, o sertão florido da Serra da Estrela e a monumental e arrebatadora Roma, onde minha alma ainda vaga quando meu

corpo adormece, são perceptos e afectos que participam dos sentidos, sensações e entendimentos que estão escritos nos cartões-foto-postais, dobras das experimentações artísticas com as fotografias das oficinas e minhas inspirações literárias.

Figura 1 - Cartão-foto-postal (frente e verso)



Fonte: Fotografia produzida pelo Coletivo IFSC, arquivo da pesquisadora.

Tempo

A outra reflexão que gostaria de pontuar, Guimarães Rosa, é sobre o **tempo** e você diz “**Sertão é quando menos se espera**” (ROSA, 1994, p. 403). Ao escrever essa frase, você traz uma dimensão temporal: “sertão é ‘quando’”. Esse conceito é tão estudado quanto espaço/lugar, e não

vou me deter em conceituações, mas pensar em algumas das suas dimensões na relação com este percurso de pesquisa. Para isso, cito novamente Tarkovski (2010, p. 64), quando diz “o tempo constitui uma condição da existência do nosso ‘Eu’”. O tempo é fundamental para que qualquer pessoa possa pensar, para que possa construir sua personalidade e seu repertório. O tempo do estudo, das viagens, do ócio, da escrita, das leituras, um tempo que uma pesquisa de pós-doutorado me possibilitou para me desconstruir e reconstruir, para que eu pudesse me nutrir de textos, imagens, paisagens, conversas, reflexões, experimentações, vivências. O tempo da pesquisa, o tempo de viver uma pesquisa com menos afazeres do que é o cotidiano da profissão docente, que envolve tantas atividades diversificadas e extenuantes. No meu dia a dia, uma das frases mais ditas por mim é “*Eu não tenho tempo!*”

Fiquei pensando nos momentos em que você escrevia, nos seus cadernos de anotações, como você era disciplinado! Esforcei-me para ter um caderno de anotações tão bem produzido quanto os seus, mas, nem sempre registrava o que via, sentia, pensava... algumas coisas se perderam, infelizmente. Mas tentei e meu caderno foi essencial para o que fiz e me dou conta da sua importância, da sua grandeza em uma pesquisa¹¹.

Ainda sobre o tempo, deslocando essa temática para a educação, área na qual este projeto de pós-doutorado foi realizado, constatamos que o tempo é fundamental para a formação de professores, para a pesquisa, para a docência. Criar a possibilidade de um tempo para si é criar um momento de nutrição para uma vida saudável, no trabalho ou em qualquer lugar. Segundo Tarkovski (2010, p. 65), “a consciência humana depende do tempo para existir”. Existir, em sua plenitude, nas diferentes esferas sociais, cuidando de si, não apenas trabalhando e fazendo coisas inadiáveis mecanicamente. Foucault (2006, p. 601) afirma que “ocupar-se consigo não é, pois, uma simples preparação momentânea para a vida; é uma forma de vida”. Esse tempo para ocupar-se consigo mesmo, para cuidar de si é fundamental para qualquer ser humano, mas, talvez, seja essencial para aqueles, cujo trabalho envolve tantas pessoas sob sua responsabilidade.

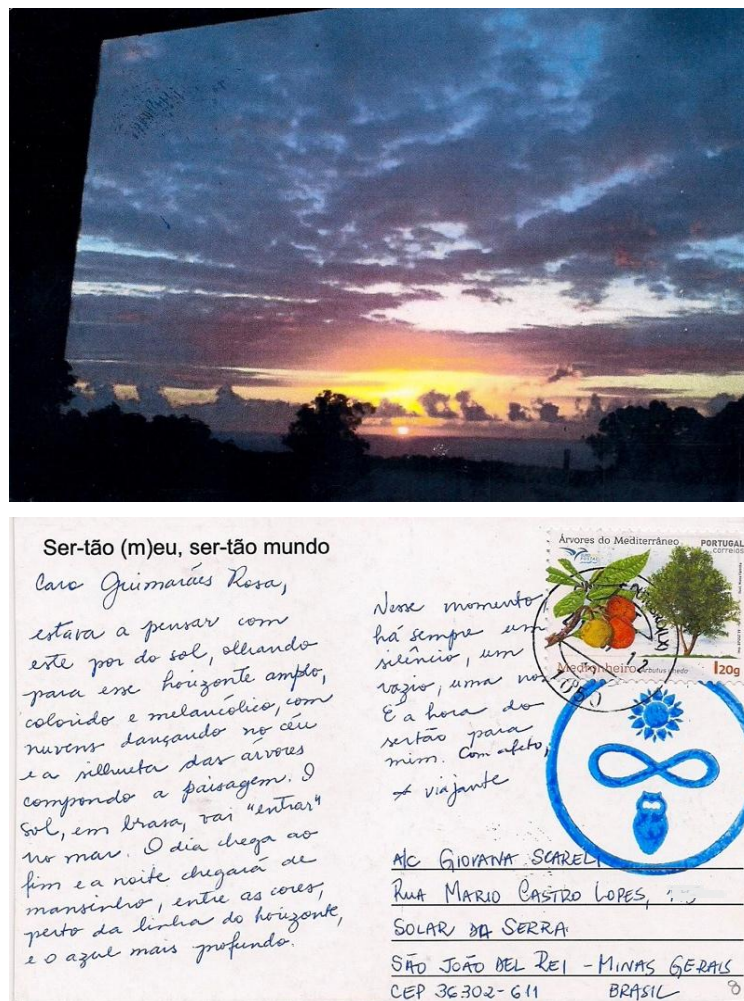
“Por que as pessoas vão ao cinema? O que as faz buscar uma sala escura onde, por duas horas, assistem a um jogo de sombras sobre uma tela?”, pergunta Tarkovski (2010, p. 72), que responde:

¹¹ Apresentei o trabalho “As cadernetas de anotações de Guimarães Rosa e a Pesquisa em Educação: aproximações entre Arte, Literatura e Educação”, na Reunião Nacional da ANPEd, no Rio de Janeiro, em 2019.

[...] pelos princípios fundamentais do cinema, que estão ligados à necessidade humana de dominar e conhecer o mundo. Acredito que o que leva normalmente as pessoas ao cinema é o tempo: o tempo perdido, consumido ou ainda não encontrado. O espectador está em busca de uma experiência viva, pois o cinema, como nenhuma outra arte, amplia, enriquece e concentra a experiência de uma pessoa – e não apenas a enriquece, mas a torna mais longa, significativamente mais longa.

Tempo para conhecer, tempo para ser usado da maneira que quiser, tempo para experimentar, para se enriquecer, para se nutrir. Tempo para estudar, pesquisar, escrever, preparar aulas, obras de arte, filmes, tudo precisa de tempo. Assim como você precisou de um tempo para fazer a viagem pelas Gerais, na expedição que, tempos mais tarde, resultou no seu brilhante romance “Grande Sertão: veredas”.

Figura 2 - Cartão-foto-postal (frente e verso)



Fonte: Fotografia produzida pelo Coletivo COLE, arquivo da pesquisadora.

Silêncio

Aliado ao tempo, gostaria de destacar um último elemento: o **silêncio**. Você diz em “Grande Sertão: veredas” que “**Sertão é o sozinho**” (ROSA, 1994, p. 435). Essa solidão, muito presente em várias cartas que recebi, também faz eco com uma sensação que tenho sobre o sertão: sertão é sozinho e silencioso. E para pensar sobre esse ponto, eu queria que você ouvisse a música “A terceira margem do rio”, de Caetano Veloso e Milton Nascimento (1991), que foi inspirada no conto homônimo, escrito por você.

“Silencioso, sério, nosso pai não diz. Duro silêncio, nosso pai. Puro silêncio, nosso pai. Casa da palavra, onde o silêncio mora” (VELOSO; NASCIMENTO, 1991, s/p). Esses versos da música denotam a releitura do conto pelos músicos. Talvez, uma das características mais fortes desse conto seja esse silêncio, não só para Milton e Caetano.

A primeira vez que tive contato com o conto “A Terceira Margem do Rio” (ROSA, 2001) foi um encantamento à primeira vista. Naquele momento, algumas memórias e histórias se cruzaram: o rio, o pai, a despedida. O sertão que você nos ofereceu nos seus escritos começava a fazer sentido para mim. Eu que “venho lá do sertão”¹², lembrando-me de outra música, passei minha infância, adolescência e início da juventude em um sítio, localizado no interior de São Paulo. Assim, identifiquei várias afinidades, não só com “A Terceira Margem do Rio”, mas em várias obras de suas obras, Guimarães. O meio rural, com suas estradas de terra, os montes, os rios e regatos, as brincadeiras infantis, a proximidade com os diferentes animais que havia ali, o trabalho na roça... o universo que você explora nos seus escritos é também imagens que tenho da minha infância.

O silêncio era, para mim, uma marca desse sertão. Durante muito tempo, eu não gostava dele. Negava o sertão, não contava sobre minha origem, tinha vergonha de ser uma sertaneja. Talvez, porque na adolescência, esse isolamento e esse silêncio são ensurdecadores e enlouquecedores também. A frase “o sertão é sozinho” diz muito de como eu me sentia, sozinha. Embora tivesse família, amigos, pessoas ao meu redor, havia um sentimento de solidão muito grande desde a infância. E me lembro bem, quando, aos domingos, no cair da tarde, eu começava

¹² Música “Disparada”, composição de Geraldo Vandré e Théo de Barros. Interpretada por Jair Rodrigues, foi a vencedora junto com “A Banda” de Chico Buarque, no Festival da Música Popular Brasileira, em 1966.

a chorar. Era desesperador para mim. Havia algo ali, naquele silêncio, no apagar das luzes do dia que me atravessava de forma avassaladora. Eu esperava que alguma coisa pudesse acontecer comigo, algo que me tirasse daquele lugar. Eu não queria que a minha vida seguisse o destino de tantas moças: casar-se, ter filhos, ser dona de casa, trabalhar na roça ou em alguma tarefa dentro de casa. Por muito tempo “O sertão é (foi) uma espera enorme” (ROSA, 1994, p. 828).

Durante muitos anos eu não gostei dos domingos, nem do pôr do sol. Depois fui fazendo amizade com esse momento do dia e mais tarde com o dia de domingo... eu já era adulta. Hoje mantenho boas relações com o domingo e amo o pôr do sol, que embora possa ser considerada uma imagem bem “clichê” para as imagens de sertão, é uma imagem que diz muito do sertão para mim. Hoje eu leio seus textos, Guimarães, e lembro-me do meu sertão com mais carinho, vejo beleza e chego a ter alguma nostalgia. “Sertão é isto: o senhor empurra para trás, mas de repente ele volta a rodear o senhor dos lados” (ROSA, 1994, p. 403).

É preciso enfrentar os sertões, ouvir os silêncios e as palavras, como sugere a música. Vejo agora o quanto esta pesquisa me conecta com quem sou e quem fui. Olho para o meu passado, com mais serenidade, e posso encontrar muitas belezas no modo de vida que vivi no sertão. Olho para a minha profissão – professora/pesquisadora – e vejo a necessidade desse silêncio. Silenciar o corpo, a mente, as palavras. Ouvir. Vejo agora o quanto a palavra – “palavra” – aparece na música. Tão necessário pensar na quantidade de palavras que estamos a dizer de tantas maneiras. O mundo está cheio de palavras vazias. Retomando a música, tomei a liberdade para rearranjar os versos para uma leitura possível:

Água da palavra, proa da palavra, rosa da palavra... ouvi, ouvi, ouvi a voz das águas.
Asa da palavra, brasa da palavra, casa da palavra... onde o silêncio mora.
Fora da palavra, tora da palavra, hora da palavra... quando não se diz nada
(VELOSO; NASCIMENTO, 1991).

Tantas palavras, ditas de tantas maneiras, sem dúvida, são importantes, assim como ouvir e não dizer nada. Silenciar. É imperativo rever a hora das palavras, assim como a hora de ouvir e de silenciar. É quando a Educação se faz sertão. É tornar ser-tão-educação.

Por fim, depois de tantas palavras e de três cartas, quero dizer mais uma coisa, concordando contigo, Guimarães, que, realmente, “o sertão é do tamanho do mundo” (ROSA, 1994, p. 97). Também com Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa, preciso dizer como me vejo hoje, depois de visitar tantos lugares e me deslocar por esse mundo, depois desse

tempo e dos silêncios: “sou eu, eu mesmo, tal qual resultei de tudo. [...] quanto fui, quanto não fui, tudo isso sou/ Quanto quis, quanto não quis, tudo isso me forma/ Quanto amei ou deixei de amar é a mesma saudade em mim” (PESSOA, 2019, p. 384).

Sinto o sertão em toda parte e saudades de muitas coisas que vivi e não vivi, dos sertões que vi, que não vi, dos que amei, odiei e, principalmente, dos que sonhei. Agradeço, imensamente, por me tocares assim, leve e intenso com as tuas palavras, imagens e silêncios.

Figura 3 - Cartão-foto-postal (frente e verso)



Fonte: Fotografia produzida pelo Coletivo UFSC, arquivo da pesquisadora.

Referências

- ALMEIDA, Milton José de. **Imagens e sons**: a nova cultura oral. São Paulo: Cortez, 1994.
- ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO. Carta de Pêro Vaz de Caminha. Lisboa, 2005. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4185836>. Acesso em: 27 maio 2019.
- BELCHIOR. Como nossos pais. Álbum **Alucinação**, 1976.
- CARERI, F. **Walkscapes**: o caminhar como prática estética. São Paulo: Gustavo Gilli, 2013.
- CARRASCOZA, J. A. **Linha única**. São Paulo: SESI-SP, 2016.
- CAUQUELIN, A. **A invenção da paisagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- DELEUZE, G. Que és un dispositivo? *In*: MICHEL Foucault, filósofo. Barcelona: Gedisa, 1990. p. 155-161. Disponível em: <http://escolanomade.org/2016/02/24/deleuze-o-que-e-um-dispositivo/>. Acesso em: 14 out. 2019.
- DELEUZE, G. **O abecedário de Gilles Deleuze**. França: Direção Pierre-André Boutang, 1996.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011. v. 1.
- DIDI-HUBERMAN, G. **Cascas**. São Paulo: Editora 34, 2017.
- FELDMAN, I. [Orelha do livro]. *In*: DIDI-HUBERMAN, G. **Cascas**. São Paulo: Editora 34, 2017.
- FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- LEITE, A. M. P. Qual é o lugar da ficção na Educação? **Leitura: Teoria e Prática**, Campinas, v. 35, n. 69, p. 25-35, 2017.
- OLIVEIRA JUNIOR, W. M. Lugares geográficos e(m) locais narrativos. *In*: MARANDOLA JUNIOR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (org.). **Qual o espaço do lugar? geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 119-154.
- PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividades. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- PESSOA, F. **Poemas completos de Álvaro de Campos**. Disponível em: <http://luso-livros.net/>. Acesso em: 29 maio 2019.
- PRADO, Ricardo. Mia Couto fala da influência de Guimarães Rosa na sua prosa poética. [Entrevista cedida a] **Carta Capital**, São Paulo, 8 out. 2010. Disponível em: <https://www.portalraizes.com/1mia-couto-guimaraes-rosa/>. Acesso em: 14 out. 2019.
- ROSA, J. G. **Grande sertão**: veredas. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- ROSA, J. G. **Grande sertão**: veredas. 22. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ROSA, J. G. A terceira margem do rio. *In*: PRIMEIRAS estórias. 15. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- SCARELI, G.; CARVALHO, I. F.; AZEVEDO, E. C. A mulher nordestina nos filmes *O céu de Suely*, *Baile Perfumado* e *Luzia Homem*. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 26., 2011, São Paulo, SP. **Anais [...]**. São Paulo: ANPUH, 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308146512_ARQUIVO_ANPUHTrabalhoFinal.pdf. Acesso em: 15 ago. 2019.

TARKOVSKI, A. **Esculpir o tempo**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

VASCONCELOS, J. A filosofia e seus intercessores: Deleuze e a não filosofia. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 93, p. 1217-1227, set./dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n93/27276.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2019.

VELOSO, C.; NASCIMENTO, M. A terceira margem do rio. Álbum **Circuladô**, 1991.